



C A P Í T U L O 5

O termo 'logo' sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272511095>

Lucas Silva Freire

RESUMO: O objetivo principal deste trabalho é investigar a construção *logo* em grupos específicos no Português Brasileiro. Esta análise será feita sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (Rosário; Oliveira, 2016; Furtado da Cunha; Bispo, 2013), corrente linguística que articula, em suas bases teóricas, o Funcionalismo Norte Americano e a Linguística Cognitiva, a fim de entendermos que há fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos, juntamente com a cognição humana, que influenciam as mudanças linguísticas, a exemplo do fenômeno em estudo. Para a análise, organizamos um corpus baseado em ocorrências da rede social Twitter, atualmente conhecido como "X". O corpus contém 30 (trinta) ocorrências, coletadas por nós nos meses de dezembro/2024 e de janeiro e fevereiro/2025, que serão analisadas a partir do método misto (Cunha Lacerda, 2016), articulando, dessa forma, a natureza quantitativa, por meio da análise das frequências token e type, e qualitativa, por meio da análise e discussão das ocorrências coletadas.

PALAVRAS-CHAVE: *Logo*. Linguística Funcional Centrada no Uso. Construção.

INTRODUÇÃO

Por compreender a língua como um sistema dinâmico influenciado por interações, culturas e identidades, a Linguística Funcional Centrada no Uso analisa o sistema linguístico a partir de suas aplicações e usos reais, considerando a frequência de ocorrências como um elemento essencial para o estudo de novas estruturas.

No estudo em andamento nesta bolsa de Iniciação Científica, o pesquisador, em conformidade com a orientadora, optou por, no polo funcionalista da Linguística, considerar, como aporte teórico, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e, como material analítico, organizar um Corpus Linguístico a partir de ocorrências do fenômeno linguístico em estudo coletado na rede social Twitter, agora denominado "X". Dessa forma, pretendemos examinar a construção *logo*, por isso intitulamos esta pesquisa como "Penso, *logo* pesquiso: um estudo sobre o termo *logo* à luz da linguística funcional centrada no uso", embasando-nos na análise de forma e função e buscando compreender como essas construções linguísticas estão passando por um processo de construcionalização. Este projeto de pesquisa visa identificar fenômenos linguísticos recorrentes em situações reais de uso da língua e, a partir disso, provocar reflexões sobre a língua, sobre as práticas didático- metodológicas de ensino da língua e, principalmente, fornecer subsídios para futuras pesquisas na área da linguística. Ademais, informamos que esta pesquisa fundamenta-se no referencial teórico que o Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio) Funcionalismo tem se orientado.

OBJETIVOS

Estabelecemos para direcionar nossa investigação na presente pesquisa os seguintes objetivos geral e específicos.

Objetivo Geral

Investigar o uso da construção *logo* em uma perspectiva sincrônica na rede social X.

Objetivos Específicos

1. Realizar uma discussão sobre o aporte teórico que subsidiará a análise e a discussão de dados;
2. Realizar a revisão de literatura sobre o objeto de estudo a partir de buscas em dicionários da língua portuguesa;
3. Realizar a revisão de literatura em gramáticas prescritivas e descritivas;
4. Mapear ocorrências do fenômeno linguístico em estudo nas redes sociais;
5. Realizar a análise das construções, identificando padrões e observando os fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade;
6. Propor uma atividade didático-pedagógica sobre o uso da expressão *logo* para estudantes do Ensino Fundamental II e/ou Ensino Médio.

REVISÃO DE LITERATURA

Propomo-nos a apresentar o referencial teórico desta pesquisa, discutindo os princípios teóricos que serão necessários para a realização da análise desta investigação.

Com esse propósito, esta seção será organizada da seguinte forma: na subseção 3.1, *A Linguística Funcional Centrada no Uso*, na qual contextualizamos o aporte teórico que respalda a nossa pesquisa, situando-o na interface entre Funcionalismo Norte Americano e Linguística Cognitiva; na subseção 3.2, *O Cognitivismo e a Construção gramatical*, mostramos sucintamente a relação entre as experiências linguísticas e experiências cognitivas; e, por fim, na subseção 3.3, *Gramática de Construções e a compreensão da mudança linguística a partir de redes construcionais*, trazemos conceito como construção, mudança construcional e construcionalização, esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma teoria que incorpora os princípios da Linguística Funcional (Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013; Kenedy; Martelotta, 2003; Rosário; Oliveira, 2016 entre outros) e da Linguística Cognitiva (Bybee, 2003; Croft, 2001; Goldberg, 1995, 2006).

Na LFCU, o sistema linguístico é concebido como um meio que reflete a necessidade comunicativa do falante. Assim, a linguagem é observada em situações reais de interação. Nesse contexto, a língua e a mudança linguística estão intrinsecamente ligadas e gramática é considerada como emergente (HOPPER, 1987). A noção emergencial da linguagem captura sua natureza temporária, transitória e fluida, sujeita à negociação constante na interação entre os falantes. Nesse sentido, a gramática é entendida como social e mutável, resultado do que emerge durante o discurso.

Ao discutirmos a LFCU, é relevante traçar um breve panorama histórico do Funcionalismo Linguístico. Embora os estudos sobre variação e mudança linguística tenham ganhado destaque na década de 60 graças às pesquisas de William Labov nos Estados Unidos, as investigações sobre mudança linguística na perspectiva da gramaticalização remontam ao século X, na China. O termo “gramaticalização” foi introduzido pela primeira vez por Meillet (1995), que propunha a ideia de atribuir um caráter gramatical a um item ou expressão linguística previamente considerados autônomos. Meillet (1995) associa a gramaticalização de um elemento linguístico à imagem de uma espiral, representando um processo contínuo, cíclico, inacabado e infinito.

A gramaticalização envolve o deslocamento de um morfema do léxico para a gramática, ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical. É importante ressaltar que, na concepção clássica do Funcionalismo, embora o foco tenha sido descolado da forma, tão valorizada na Sociolinguística, para a função, as formas linguísticas eram consideradas como itens linguísticos que migravam do léxico para a gramática ou de um aspecto gramatical para um outro aspecto ainda mais gramatical, tornando-se cada vez mais gramatical.

Observamos, a partir do mencionado, que a concepção sobre mudança linguística estava ainda vinculada, nesse período, aos critérios de avaliação em termos formais, nos quais os pesquisadores se dedicavam a investigar, entre outros aspectos, a perda de massa fônica ou dessemantização que algumas estruturas gramaticais sofriam devido ao uso.

Ainda, cabe traçar um panorama geral do Funcionalismo Norte Americano, considerado como clássico, pontuando suas principais características: a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica; mudança e variação estão sempre presentes, o sentido é contextualmente dependente e não atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável e não rígida; as gramáticas são emergentes; as regras da gramática permitem algumas exceções. (Givón, 1995 apud Martelotta; Kenedy, 2003).

Alinhando-se com o pensamento funcionalista e, assim, consequentemente, contrapondo-se à ideia adotada pelo Gerativismo, principalmente pela concepção de que o significado de uma sentença é determinado pelas condições de interpretação como verdadeira ou falsa, alguns estudiosos estabeleceram uma teoria que defendia que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim surge a Linguística Cognitiva (LC), que considera a linguagem humana como um instrumento de organização, processamento e transmissão de informações semântico-pragmáticas, e não como um sistema autônomo, que passa a agregar teoricamente aos estudos sobre a linguagem em uso, como veremos a seguir.

O Cognitismo e a Construção gramatical

Enquanto no Gerativismo defende-se uma concepção de língua regida por uma Gramática Universal, composta por princípios e regras gerais que se aplicam a todas as línguas naturais, na concepção de linguagem como um sistema complexo, a língua é percebida como resultado da interação do falante com o mundo, e a gramática é moldada conforme o uso da língua em situações de interação, sendo assim, internalizada pelos falantes.

Portanto, as estruturas gramaticais operam por meio de uma relação intrínseca entre forma e função, ou seja, a organização gramatical de uma língua é considerada, na abordagem constitucional, como uma interconexão entre fonologia, vocabulário, sintaxe, semântica, entre outros, que funcionam de forma paralela e inter-relacionada, em vez de existirem separadamente em diferentes níveis de abstração, conforme proposto pela abordagem chomskiana.

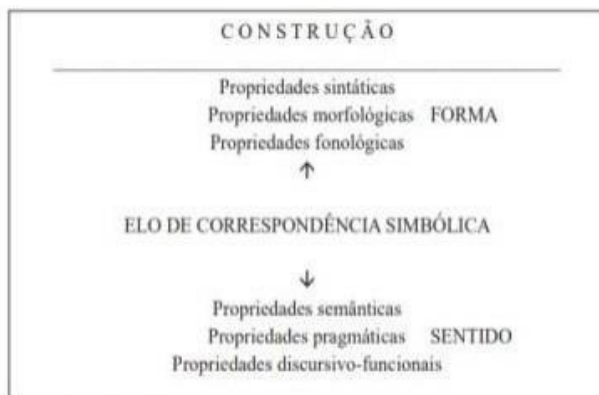
Nessa perspectiva, pelo viés dessa teoria, há a sugestão de que, ao adotarmos uma visão da gramática cognitiva, podemos ir além das estruturas puramente linguísticas, pois a linguagem, sob esse enfoque, é resultado de processos cognitivos de domínios amplos. Isso significa que o fenômeno linguístico é considerado um complexo conjunto de atividades cognitivas e sociocomunicativas, interconectadas com outras áreas da psicologia humana.

Entre as diversas correntes existentes na Linguística Cognitiva, as pesquisas direcionadas à descrição e à análise da estrutura gramatical são particularmente relevantes para os estudos funcionalistas contemporâneos. Nesse contexto, destacam-se as contribuições de Croft (2001) ao considerar que a estrutura da língua é moldada pela experiência histórica e cotidiana, e que é resultado de processos cognitivos de amplo domínio. O Cognitivismo, assim, passa a examinar também os usos efetivos no contexto de produção, aproximando-se e sendo bastante relevante para os estudos desenvolvidos no Funcionalismo.

Um ponto chave nessa moldura teórica é a noção de construção gramatical como um emparelhamento convencionalizado de sentido e forma, constituindo um esquema simbólico a partir do qual todos os componentes da gramática são instanciados. Nesse modelo, o foco não está nos itens específicos, como estudados no Funcionalismo de vertente norte americana, mas, considerando a instância de esquemas, está na relação entre as partes constituintes e no nível de vinculação. Assim, estabelece-se uma conexão relevante com a abordagem da mudança gramatical.

Gramática de Construções e a compreensão da mudança linguística a partir de redes construcionais

Na gramática de construções, as expressões são consideradas por meio das associações de forma e significado. Nessa perspectiva, não há uma fronteira rígida entre léxico e gramática. Dessa forma, na abordagem construcional, a gramática é vista como pares de forma e significado, ou seja, formada por construções. A língua é, assim, concebida como um conjunto de construções específicas e hierárquicas, interconectadas para formar uma estrutura linguística, na qual tanto os aspectos formais quanto os de significado são considerados na análise linguística. Observemos a Figura 1 para uma melhor compreensão dessa discussão.



Fonte: Croft (2001, p.18).

Figura 1 de Croft (2001):

Analisando a Figura 1, fica evidente que as construções são estruturadas por dois componentes principais: a forma e o sentido. A forma engloba características sintáticas, morfológicas e fonológicas, enquanto o sentido abrange aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais, todas essas propriedades são interligadas por meio de um elo/ uma conexão simbólica.

Um estudo que julgamos interessante expor nesta investigação é o realizado por Pinheiro (2016). O linguista, com o propósito de demonstrar o quanto as construções variam no uso, traz um continuum de construções gramaticais Vejamos.

TIPO DE CONSTRUÇÃO	EXEMPLO
Palavra	Árvore
Expressão fixa	bom dia; cada macaco no seu galho
Esquema morfológico	re + base verbal (ex: <i>rearrumar</i> ; <i>refazer</i>)
Esquema sintático semipreenchido	que mané X; que X o quê (ex: <i>que mané férias</i> ; <i>que férias o quê</i>)
Esquema sintático aberto	SVO (ex: <i>Réver cabeceou a bola</i>)
Padrão entoacional	Ascendente

Quadro 1 – Continuum de construções gramaticais

Fonte: Pinheiro (2016, p.4)

No Quadro 1, verificamos 6 (seis) tipos de construções diferentes, que vão de uma única palavra, a exemplo de “árvore”, ou de um padrão entonacional, como “ascendente”, a esquemas parcialmente preenchidos, “que mané X”, no qual o slot X pode ser ocupado por qualquer nome ou verbo, ou mesmo esquema totalmente abertos, como SVO, no qual se pode ser colocado qualquer nome para a função S(sujeito), qualquer verbo para a função V(verbo) e qualquer complemento para a função O(objeto). Interessante registrarmos que, independentemente, da extensão, todos os tipos constituem uma construção na língua.

É interessante acrescentar, ainda, que, para Croft (2005) e Traugott e Trousdale (2021), as construções são consideradas como unidades simbólicas e convencionais, tendo em vista que (i) unidades refletem que alguma característica do signo se torna tão frequente que é estabelecido como um só pareamento forma-função na mente do falante; (ii) simbólicas, por sua vez, remetem às associações de forma e função ao menos parcialmente motivadas; e (iii) convencionais, por fim, porque são compartilhadas por um grupo de falantes (Furtado da Cunha; Cunha Lacerda, 2017).

Construcionalização e mudanças construcionais

O processo de construcionalização refere-se à formação de novas unidades (construções) a partir de elementos independentes até então. Em termos simples, isso implica a criação de uma nova correspondência entre forma e significado. Esse processo, geralmente, acontece por meio de neanálises e analogias no campo pragmático, avançando para o campo semântico e, por fim, para o campo formal.

Para abordar a mudança linguística, mudança que acontece no eixo diacrônico, os funcionalistas estabelecem dois vieses: a construcionalização e a mudança construcional.

No nível pragmático, a construcionalização começa com a negociação de inferências sugeridas que, com o tempo, se tornam convencionalizadas no nível do esquema (ou macroconstrução). Com essa mudança no nível pragmático, abre-se espaço para alterações em outros aspectos da gramática, como fonologia e morfossintaxe.

As mudanças construcionais, por sua vez, referem-se a alterações nos traços ou características de construções já existentes e podem ocorrer no nível da forma ou do significado. Essas mudanças são impulsionadas pelo uso da linguagem e nem sempre resultam na emergência de novas construções.

Dessa forma, em síntese, podemos afirmar que, enquanto a construcionalização implica alteração no polo da forma e da função proporcionando o surgimento de uma nova construção, a mudança construcional implica alteração no polo da forma ou no polo da função e não implica uma nova construção.

Esquematicidade, produtividade e composicionalidade

No contexto da abordagem construcional da mudança linguística, três fatores se destacam: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Dessa forma, é válido fazermos um apontamento sobre esses conceitos:

Esquematicidade

O conceito de esquematicidade está diretamente ligado ao conceito de esquema. Esquema pode ser entendido como uma generalização que representa padrões de experiência rotineiros. Essas abstrações são percebidas de forma inconsciente pelos falantes, pois delas derivam as diversas construções da língua. De acordo com nossa visão, o nível de esquematicidade pode variar em um continuum. Assim, algumas construções são altamente esquemáticas e abstratas, enquanto outras são menos esquemáticas.

Dessa forma, podemos argumentar que a criatividade do falante, ao criar novos usos no processo de comunicação, baseia-se em seu conhecimento dos esquemas da língua. Esses novos usos, com o tempo, podem dar origem a mudanças linguísticas, desde que avancem para outras etapas do processo de mudança.

Produtividade

Assim como a esquematicidade, a produtividade também é um fenômeno gradual. Ela refere-se à frequência com que uma construção é usada. A produtividade de uma construção está relacionada, assim, ao seu alcance. Na abordagem construcional da gramática, os estudos sobre produtividade são muito relevantes. Por exemplo, a distinção entre frequência de tipo (type frequency) e frequência de ocorrência (token frequency) é importante nesse contexto, sendo associada à frequência de construção e à frequência de construto, respectivamente.

Composicionalidade

O terceiro fator, chamado composicionalidade, refere-se ao grau de transparência entre forma e significado em uma construção. Na abordagem construcional da gramática, podemos distinguir dois tipos de composicionalidade: composicionalidade semântica e composicionalidade sintática. A composicionalidade semântica diz respeito à soma dos significados das partes de uma construção. Consideramos que uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes individuais ainda é perceptível no significado do todo. Já a composicionalidade sintática refere-se ao grau de integridade morfossintática das subpartes, ou seja, quanto mais composicional uma construção, mais as subpartes retêm as propriedades gramaticais de suas categorias originais.

Realizada a discussão sobre pontos teóricos importantes para a nossa análise, damos continuidade ao texto, apresentando uma discussão que tem como propósito situar o objeto de estudo desta pesquisa: a construção *logo*.

O TERMO *LOGO*

Nesta seção, temos como propósito apresentar a construção *logo*. Para tanto, estabelecemos 3 (três) caminhos a serem percorridos. Na primeira subseção, traremos o *logo* nos dicionários; na segunda e terceira subseções, o *logo* será discutido pelos viéses da Tradição Gramatical (TG) e da Tradição Linguística (TL) e, à TL, acrescentaremos algumas abordagens contemporâneas sobre o objeto em estudo.

O termo *logo* nos dicionários

Para realização da análise da construção, optamos, primeiramente, por buscar a definição do *logo* em dicionários de língua portuguesa. Para tanto, elegemos 3 (três) dicionários da língua portuguesa, a saber: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Caldas Aulete, 1964), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss; Villar, 2001) e *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (Ferreira, 2009).

Na obra o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, do estudioso Caldas Aulete, publicado em 1964, consta sobre o verbete *logo* os seguintes conceitos:

1 referente a imediatamente, de pronto, “encheu-se *logo* a terra de fama” 2. após, depois, em seguida, “vinham *logo* depois a cavalo” 3. daqui a pouco, num futuro próximo, “*logo* faremos” 4. precisamente, justamente, exatamente “*logo* agora que tudo lhe sorria acontece-lhe tamanha desgraça” 5. mais tarde, algum tempo depois “venha mais *logo*” 6. o mesmo que lugar “lôcus”. (Caldas Aulete, 1964, p. 2412).

Nesse dicionário, o termo está, sobretudo, relacionado à questão de tempo, observemos as acepções de 1 a 5, e apresenta apenas uma menção a lugar na acepção 6, além de mostrar um certo sentido de modalizador, nesse exemplo, em específico, de pesar ou decepção, como pode ser observado na acepção 4. Dessa maneira, constatamos que o autor, mesmo na década de 60, aborda o sentido do *logo* de maneira ampla, abarcando, de certa forma, a maior parte dos usos encontrados na atualidade, conforme verificaremos na análise de dados.

No segundo compêndio pesquisado, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, do filólogo Antônio Houaiss e Mauro Villar, publicado em 2001, o termo *logo* é definido como podemos verificar a seguir:

1. mesmo que lugar 2. residência de colono 3. lugar, posição, local, posto, localidade, habitação 3. imediatamente, prontamente “faça *logo* o que tem que fazer” 4. de um tempo posterior, daqui a pouco “*logo*, com mais calma, tudo se explicará” 5. justamente, ainda por cima “foi confiar *logo* no mais desonesto” 6. portanto, por conseguinte “é desatento, *logo* não pode dirigir veículos” (Houaiss, 2001, p. 1778).

Nesse dicionário, além das relações de tempo e de modalidade, também verificadas no primeiro dicionário analisado, essa obra traz um sentido de “residência ou habitação” para o termo *logo*, um exemplo de uso que não encontramos em nossas análises. Além disso, Houaiss; Villar (2001) abordam o sentido do *logo* como conclusivo, o que não verificamos no dicionário de Caldas Aulete.

No terceiro compêndio pesquisado, o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de autoria de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, publicado em 2009, sobre o verbete “*logo*”, há as seguintes definições:

1. lugar, morada, residência 2. sem tardança, imediatamente “ir *logo* chamar o médico”
3. com algum espaço de tempo, daqui a pouco 4. mais tarde 5. em seguida, após
6. justamente, exatamente 7. ainda por cima, por cúmulo “adoeceu *logo* naquele mês” 8. por conseguinte, portanto. (Ferreira, 2009, p.2412)

Nesse compêndio, os sentidos para o *logo* são mantidos de maneira semelhante aos dois dicionários anteriores, pois apresenta tanto os significados relacionados a lugar, como a tempo, em 2, 3, 4, 5. O diferencial da obra é que ela separa o sentido de “justamente” do sentido de “ainda por cima”, o que, na prática, tem o mesmo significado- o de modalidade. Além disso, Ferreira (2009) traz apenas um exemplo de uso do termo, ao contrário dos outros dicionários, o que pode dificultar a compreensão do leitor.

Para além dessas 3(três) pesquisas em dicionários, é válido registrar que, em Machado (1977), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, há informação de que o *logo* é originado do termo *loco* no latim, ablativo *locu-*, que traz como significado *no lugar, no sítio, no momento, logo*. Entre os exemplos, em Machado (1977), encontramos “A primeira natureza da poonba he que em *logo* de cantar geme” (Livro das aves), trazendo para *logo* o valor espacial de *em lugar de*. Esse sentido, no português brasileiro na atualidade, está em desuso.

O termo *logo* na Tradição Gramatical

Nesta seção, com o objetivo de analisar a construção em estudo, o termo *logo*, selecionamos 3 (três) gramáticas tradicionais da língua portuguesa, a saber: *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2011) de Rocha Lima, *Moderna Gramática Portuguesa* (2009) de Evanildo Bechara e *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2016) de Celso Cunha e Lindley Cintra.

Na obra de Rocha Lima (2009), observamos as seguintes proposição sobre o *logo*: inicialmente, o autor trata dos advérbios e diz que “são palavras modificadoras do verbo, servem para expressar circunstâncias que cercam a significação verbal” (Rocha Lima, 2009, p.226). No que diz respeito ao *logo*, o autor o aponta como um exemplo de advérbio de tempo. Além disso, Rocha Lima (2009) trata do *logo* no

plano das conjunções, que, segundo ele, são palavras que relacionam ente si dois elementos da mesma natureza e duas orações de natureza diversa, classificando o termo como conjunção conclusiva: “relacionam pensamentos tais, que o segundo encerra a conclusão do enunciado no primeiro, são: *logo*, pois, portanto...” (Rocha Lima, 2009, p.236).

Diante do exposto, constatamos que o gramático traz breves colocações acerca da temática, pois apenas cita o *logo* como advérbio de tempo, mas não explica como isso pode funcionar em um texto ou em uma oração e nem mesmo apresenta um exemplo de uso, o que poderia tornar a gramática mais clara. Ainda, a conceituação do estudioso sobre as conjunções conclusivas é, de certa maneira, complexa e abstrata, visto que é ligada a “pensamentos”, o que torna a compreensão pouco clara.

Já na gramática de Bechara (2009), o estudioso não trata do termo em seu capítulo sobre advérbios, no entanto, ao tratar das conjunções, menciona que:

Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de pois, *logo*, portanto, entretanto, contudo, todavia, não obstante. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as explicativas (pois, porquanto, etc.) e conclusivas (pois [posposto], *logo*, portanto, então, assim, por conseguinte, etc.), sem contar contudo, entretanto, todavia que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua Gramática [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas” (Bechara, 2009, p.297).

Após analisar a obra, observamos que, apesar de Bechara (2009) apresentar a função textual do termo *logo*, o que é um avanço com relação a obra de Rocha Lima (2009), sua explicação não apresenta, em certa medida, muita clareza, visto que, inicialmente, apenas considera que o termo é um advérbio incluído entre as conjunções coordenativas por um critério semântico, no entanto, posteriormente, diz que se trata de uma conjunção coordenativa conclusiva, tal organização pode gerar dúvidas ao leitor.

Encerrando esta seção sobre o *logo* em compêndios da gramática tradicional, trazemos a obra de Cunha e Cintra (2016), na qual o *logo* é tratado inicialmente no campo dos advérbios, que segundo os autores, são modificadores do verbo, mas também podem intensificar o sentido de um adjetivo, de um outro advérbio e de toda uma oração. Depois disso, os gramáticos classificam o *logo* como um advérbio de tempo. Ainda, o termo *logo* é apresentado pelos autores no campo das conjunções, que, de acordo com eles, “são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração” (Cunha; Cintra, 2016, p.593). Os gramáticos seguem a obra fazendo a classificação das conjunções e apresentam o *logo* como uma conjunção conclusiva, explicando que servem para ligar à anterior

uma oração que exprime conclusão, indicando, inclusive, um exemplo: “Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instrui, *logo* prejudica.” (Cunha; Cintra, 2016, p.595).

Desse modo, constatamos que Cunha e Cintra (2016), no âmbito dos advérbios, somente apontam o *logo* como advérbio de tempo, sem mostrar nenhum exemplo ou explicar como isso ocorre na prática textual, assim como verificamos na obra de Rocha Lima (2009). Já no âmbito das conjunções, tratam do *logo* de maneira mais ampla, incluindo explicações e exemplo.

Portanto, fica claro que apenas uma das gramáticas tradicionais analisadas, a de Bechara (2009), está mencionada a função textual do termo *logo*, ainda assim, realiza essa menção de maneira complicada para ser compreendida. Já as gramáticas de Rocha Lima (2009) e Cunha e Cintra (2016) tratam de temática de forma bem objetiva e direta, sem oferecer maiores explicações. Essa observação nos sinaliza que as prescrições presentes nos compêndios da tradição gramatical não são suficientes para o estudo e o entendimento do nosso objeto de estudo, o termo *logo*, sendo necessárias, portanto, análises em outras obras linguísticas.

O termo *logo* na Tradição Linguística

Nesta seção, a fim de verificar diferentes concepções acerca do *logo*, selecionamos 3 (três) obras da tradição linguística, nomeadamente: *Gramática do Português Falado* (1999) de Maria Helena de Moura Neves, *Gramática Descritiva do Português* (2005) de Mário Alberto Perini e *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2014) de Ataliba Teixeira de Castilho.

No entanto, após analisar as obras, não foi encontrada a construção *logo*, pois, nesses compêndios, a discussão que é apresentada sobre conjunções em orações coordenadas, restringe-se à coordenação aditiva, alternativa ou adversativa.

Por esse motivo, resolvemos analisar a obra *Gramática do Português Falado*-volume VIII (2002) organizada pelas autoras Maria Bernadete Abaurre e Angela Rodrigues. O capítulo 5, intitulado “As construções conclusivas no português falado” da estudiosa Erotilde Goreti, aborda a dificuldade de distinção entre orações conclusivas e consecutivas, destacando que, sob o ponto de vista semântico, ambas expressam uma consequência lógica, o que leva à confusão na classificação gramatical. Alguns gramáticos chegam a classificar a mesma conjunção (como “de modo que”) ora como coordenativa conclusiva, ora como subordinativa consecutiva. No entanto, há consenso sobre o valor conclusivo da conjunção *logo* (em posição pós-verbal). Além disso, o texto recupera a visão de Barbosa (1881), que divide as conjunções em dois grupos:

1. Similares – apenas ligam orações.
2. Dissimilares – ligam e exigem uma ordem lógica entre as partes.

As conjunções conclusivas são classificadas como dissimilares, pois dependem da precedência da premissa para que a conclusão faça sentido, como exemplificado na frase de Barbosa (1956) com o uso do nosso objeto de estudo, o *logo*. No enunciado “Deus é justo *logo* recompensa a virtude”, percebemos que a inversão da ordem dos termos compromete o sentido lógico da oração. O texto evidencia como a gramática tradicional pode apresentar inconsistências classificatórias, refletindo uma dificuldade em conciliar estrutura e sentido na análise das conjunções. Essa dificuldade aponta para a necessidade de uma abordagem mais funcional da linguagem, que considere o uso real e o contexto comunicativo. Ainda, sobre as orações coordenadas conclusivas, a autora destaca que, tradicionalmente, elas aparecem após a oração que lhes serve de base. Essa posição fixa reforça sua classificação como coordenadas. Outro ponto citado é que os conectores conclusivos, como é o caso do *logo*, não podem iniciar respostas a perguntas diretas, ao contrário de conjunções subordinativas como porque (Ilari, 1996).

Portanto, verifica-se que as orações conclusivas não introduzem informação nova, mas sim dependem de um contexto anterior, criando um efeito de continuidade discursiva. Desse modo, a autora oferece uma visão mais discursiva das orações conclusivas, ao associá-las não apenas à estrutura sintática, mas também à organização da informação no discurso.

O termos *logo* nas Pesquisas Contemporâneas

Nesta seção, com o objetivo de verificar outras análises já realizadas sobre o nosso objeto, em especial, teses, dissertações e capítulos, selecionamos três pesquisas da área da linguística. Esclarecemos que a escolha por esses trabalhos deu-se com base na semelhança das teorias aplicadas e do objeto estudado.

O primeiro trabalho analisado, o artigo “*Logo*: sua gramaticalização e seu semantismo em textos midiáticos”, do ano de 2014, de autoria de Geisa Pelissari Silvério e Maria Regina Pante, é fundamentado no Funcionalismo com base em Cunha (2008) e Matellota (1996). O trabalho analisa aquilo que é mencionado pelos estudos normativos e funcionalistas no que diz respeito ao vocábulo *logo* e expõe as diferentes relações semânticas que ele pode expressar na língua em uso. Para a análise, foram utilizados exemplos do cotidiano, retirados de textos midiáticos, tais como a revista *Isto É* e o jornal *Folha de Saulo Paulo*.

De acordo com as autoras, conclui-se que o vocábulo *logo* é tradicionalmente definido pela gramática normativa como uma conjunção coordenativa conclusiva,

mas pode se expressar diferentes significados nos usos reais, como imediatamente/em seguida no caso de “pretende oficializar *logo*” ou com o sentido de em breve como em “*logo, logo*, o Brasil vai participar”, além de poder expressar uma noção de lugar, tal como em “o recado é dado *logo* na faixa de abertura”, em que o *logo* expressa o lugar no qual o recado é dado. Assim, seu sentido dependerá do objetivo que o emissor deseja atingir, seja enfática, seja persuasiva, entre outras. Silvério e Pante (2014), nessa produção, priorizam os usos de espaço e de tempo da construção *logo*.

Outrossim, analisamos o artigo “A categoria advérbio e a interface gramática e gramaticalização na aula de Língua Portuguesa” de 2001, escrito pelos autores André Luiz Rauber e Cristina Lopomo Defendi. O trabalho é baseado no postulado funcionalista que considera a língua em uso e uma gramática de natureza sempre emergente (Hopper, 1991, 1998). Para realizar o estudo, os autores fizeram verificações sobre os advérbios em dois livros didáticos de LP para o Ensino Médio. O objetivo foi analisar o tratamento dado a essa categoria e observar de que forma gramática da norma e gramática da variação são levadas em conta no ensino. No caso específico do advérbio *logo*, os estudiosos observaram as diversificações de sentido do termo, que pode indicar, segundo eles, uma referência a lugar, como em “A primeira natureza da pomba é que, em *logo* de cantar, geme”, em que pode ser verificada a correspondência desse uso de *logo* com a expressão “em lugar de”, com valor de “em vez de”: A primeira natureza da pomba é que, em lugar de cantar, geme. Por outro lado, a palavra *logo* pode indicar tempo, um tempo próximo, tendo como escopo o verbo voltar, tal como em “ele disse que voltaria *logo*”.

Dessa maneira, os autores concluem que a gramática está em constante movimentação no sistema, servindo como contra-argumento ao discurso da rigidez categorial. A língua é dinâmica, *logo*, as categorias que constituem sua gramática também o são. Reconhecer isso não significa abandonar o estudo sistemático da estrutura da língua e da gramática da variedade padrão. Pelo contrário, significa reconhecer que, se por um lado há uma gramática mais ou menos “estável” de uma determinada variante linguística, há, por outro, nessa mesma gramática, uma propriedade transitória, como afirma Hopper (1998), dependente do contexto. O caso de *logo*, que de indicador de espaço físico, passou a marcar tempo é um exemplo dessa dinâmica que só pode ser percebida quando considerado o item e/ou construção inserido em um texto, ou seja, numa realização efetiva de comunicação verbal. Constatamos, também, em Rauber e Defendi (2001), uma ênfase do *logo* nos sentidos de lugar e de tempo.

Por último, para finalizar essa seção, analisamos o artigo “Considerações sobre gramaticalização de conjunções” da estudiosa Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi. No que diz respeito a fundamentação teórica, o trabalho é desenvolvido com base no Funcionalismo a partir de autores como Traugott e colaboradores (Traugott

e König, 1991; Hopper e Traugott, 1993; Traugott, 1999) e objetiva mostrar as variações semânticas do item *logo*. Para tanto, a autora recorreu a uma amostra de dados históricos do português, a “Amostra Diacrônica do Português”, que contém documentos variados representativos do português arcaico.

Nos dados, foi verificado que coexistiam o substantivo e advérbio temporal *logo*, itens que sinalizam, respectivamente, sucessão espacial e sucessão temporal. Por exemplo, o substantivo *logo* denota “lugar” e integra sintagmas preposicionais do tipo “*em seu logo*” e “*em logo de*”. Além disso, enquanto marcador de tempo, *logo* localiza um momento posterior bem próximo ao presente, admitindo paráfrase com “em breve”, “em seguida”. Essa relação de posterioridade estabelecida por *logo* pode estar ancorada na situação comunicativa, como pode ser verificado no exemplo “e pensou se o cometeria *logo*”. Dessa maneira, a autora concluiu que as mudanças de significado de conjunções ao longo do tempo tendem a seguir uma trajetória de pragmatização crescente, em que significados referenciais dão lugar a significados fundados na marcação textual e na atitude subjetiva dos falantes. No terceiro texto, Longhin- Thomazi (2006), entre outras questões, também aponta para os sentidos de espaço e de tempo nos dados analisados.

Encerrado esse bloco teórico, passamos, agora, para a metodologia usada para este estudo.

MATERIAL E MÉTODOS

Nesta seção, destacamos a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho. Nesse sentido, expomos a natureza da pesquisa e evidenciamos o *corpus* utilizado para as nossas análises.

Com base nas ideias da Linguística Funcional Centrada no Uso, objetivamos analisar e discutir a expressão *logo*. Para tanto, a nossa metodologia está organizada em 2 (duas) partes, a saber: inicialmente, propusemo-nos a realizar um estudo bibliográfico sobre a teoria Linguística Funcional Centrada no Uso, que constitui o nosso aporte teórico, apresentando a sua origem, as teorias que estão presentes nesta corrente teórica e os seus conceitos basilares; bem como um estudo sobre a contrução pesquisada, o *logo*, em dicionários da língua portuguesa, em gramáticas de cunho prescritivo e descritivo e em obras linguísticas. Além disso, durante os meses de dezembro/2024, janeiro e fevereiro/2025, realizamos uma busca da expressão *logo* nos mecanismos de pesquisa da rede social *Twitter*, atual “X” e, com isso, coletamos 30(trinta) ocorrências de uso dessa expressão.

No que diz respeito à natureza da metodologia, a pesquisa é de cunho qualiquantitativo, ou seja, baseando-nos no método misto (Cunha Lacerda, 2016), realizamos uma abordagem de pesquisa que combina elementos qualitativos e

quantitativos. Essa abordagem visa oferecer uma compreensão mais abrangente e aprofundada de um fenômeno, combinando a riqueza descritiva da pesquisa qualitativa com a precisão e a possibilidade de generalização da pesquisa quantitativa por meio das frequências *type* e *token* da construção “*logo*”.

A seguir, trazemos as as expressões que compõem o corpus desta pesquisa, analisadas e discutidas a partir do que apresentamos nas primeiras seções teóricas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o propósito de discutir e de analisar os resultados encontrados com a construção *logo*, esta seção está organizada em duas partes. Na primeira parte, buscaremos dar conta da construção *logo* apresentando os dados coletados.

Realizada essa primeira etapa, na segunda parte, faremos a discussão dos dados no que se refere aos diferentes sentidos encontrados para o termo.

Inicialmente, vejamos, na Tabela 1, as ocorrências que compõem o corpus organizados por nós para esta pesquisa.

Número da Ocorrência	Ocorrência	Rede Social/Ano
01	<i>Logo</i> em seguida	X/2024
02	<i>Logo</i> de cara	X/2024
03	<i>Logo</i> vão me ver	X/2024
04	Dou <i>logo</i> uma curtida	X/2024
05	Já quero <i>logo</i> o tédio	X/2024
06	Atestado <i>logo</i> na primeira semana	X/2024
07	Acaba <i>logo</i> 2024	X/2024
08	<i>Logo</i> depois	X/2024
09	<i>Logo</i> você terá dinheiro	X/2024
10	<i>Logo</i> pela manhã	X/2024
11	Pula <i>logo</i>	X/2024
12	<i>Logo</i> vai ter outras novidades	X/2024
13	Ficar bom <i>logo</i>	X/2024
14	<i>Logo</i> cedo	X/2024
15	Vou ficar careca <i>logo logo</i>	X/2024
16	Volta <i>logo</i>	X/2024
17	Testam minha paciência <i>logo</i> cedo	X/2024
18	<i>Logo logo</i> o STF derruba	X/2025

19	Passe <i>logo</i>	X/2025
20	<i>Logo</i> na sexta	X/2025
21	<i>Logo</i> de manhã	X/2025
22	Peguei <i>logo</i> ódio	X/2025
23	És comunista, <i>logo</i> gostas	X/2025
24	Ver <i>logo</i>	X/2025
25	Manda <i>logo</i> pra cadeia	X/2025
26	<i>Logo</i> após	X/2025
27	Aceita <i>logo</i>	X/2025
28	Quero ouvir <i>logo</i>	X/2025
29	Penso, <i>logo</i> existo	X/2025
30	Penso, <i>logo</i> desisto	X/2025

Tabela 1 – Ocorrências da construção [*logo*]

Fonte: Elaboração própria

Após observarmos os dados selecionados, verificamos que a palavra *logo* pode assumir diferentes sentidos dependendo do contexto em que aparece. A seguir, discutiremos sobre as ocorrências.

Para primeira acepção, consideraremos o sentido de *logo* relacionado a tempo.

Definição apresentada por Caldas Aulete (1964), como:

1 referente a imediatamente, de pronto, “encheu-se *logo* a terra de fama” 2. após, depois, em seguida, “vinham *logo* depois a cavalo” 3. daqui a pouco, num futuro próximo, “*logo* faremos” 4. precisamente, justamente, exatamente “*logo* agora que tudo lhe sorria acontece-lhe tamanha desgraça” 5. mais tarde, algum tempo depois “venha mais *logo*”. (Caldas Aulete, 1964, p. 2412).

Além disso, devemos considerar Houaiss; Villar (2001), que, sobre a acepção de tempo, definem o *logo* como:

3. imediatamente, prontamente “faça *logo* o que tem que fazer” 4. de um tempo posterior, daqui a pouco “*logo*, com mais calma, tudo se explicará” 5. justamente, ainda por cima “foi confiar *logo* no mais desonesto” (Houaiss, 2001, p. 1778).

Ainda sobre o uso do *logo* com valor de tempo, é preciso analisar a definição feita por Ferreira (2009), como:

2. sem tardança, imediatamente “ir *logo* chamar o médico” 3. com algum espaço de tempo, daqui a pouco 4. mais tarde 5. em seguida, após 6. justamente, exatamente 7. ainda por cima, por cúmulo “adoeceu *logo* naquele mês” (Ferreira, 2009, p.2412)

Para essa acepção, encontramos as ocorrências:

1. Aceita *logo*
2. Pula *logo*
3. Volta *logo*
4. Passe *logo*
5. Ver *logo*
6. Quero ouvir *logo*
7. Ficar bom *logo*
8. *Logo* você terá dinheiro
9. *Logo* vai ter outras novidades
10. *Logo* vão me ver
11. Manda *logo* pra cadeia
12. Dou *logo* uma curtida
13. Já quero *logo* o tédio
14. Peguei *logo* ódio
15. Acaba *logo* 2024
16. *Logo* depois
17. *Logo* após
18. *Logo* em seguida
19. Testam minha paciência *logo* cedo
20. *Logo* cedo
21. Atestado *logo* na primeira semana
22. *Logo* pela manhã
23. *Logo* na sexta
24. *Logo* de manhã
25. *Logo* de cara
26. Vou ficar careca *logo logo*
27. *Logo logo* o STF derruba

O *logo*, nesses exemplos, exerce a função de advérbio de tempo e, com as acepções de tempo, a construção *logo* foi constatada em um uso pós-verbal, em uma posição final do enunciado nas ocorrências 1 a 7. Nesses exemplares, a construção é V+*logo* (1 a 5) ou, ainda, com uma estrutura perisfrática, como em 6. Houve, ainda, a estrutura V+adj+*logo*, como 7. Dessa forma, poderíamos pensar em: [V (adj) *logo*].

Nas ocorrências, 9-10, a contrução em estudo foi observada no início dos enunciados, escopando toda a oração [*logo* O] e, nas ocorrências 11-15, o *logo* atuou em posição pós-verbal, mas, diferentemente das anteriores, no meio da oração, antes do complemento, em uma estrutura [V *logo* Comp].

Constatamos, assim, que o *logo*, com o sentido tempo, como é comum aos advérbio, pode estar no início, no meio ou no final das orações. É interessante registrarmos, também, o uso do *logo* nas ocorrências 16 a 27, nas quais o *logo*, com a função de advérbio, precede um outro advérbio de tempo (*depois, após, em seguida, cedo, na primeira semana, pela manhã, de manhã, na sexta*) e um advérbio que transita entre tempo e modo (*de cara*). Ainda, nessa acepção, é válido registrar o uso repetido do *logo, logo* nas ocorrências 25 e 26, provocando, na interação, uma ação mais imediata do que o uso do *logo* isoladamente conseguiria transmitir. Dessa forma, é como se o informante percebesse que o uso uma vez do *logo* estivesse em uma gradação de menor ênfase do que o uso repetido como *logo, logo*. Nessas construções, excetuando as últimas, teríamos [*logo adv*]

Para a segunda acepção, consideraremos o sentido de *logo* usado para estabelecer relação, atuando sintaticamente, então, como um conector. Nos dicionários consultados, Caldas Aulete (1964) não aborda o uso do *logo* nesse sentido em seu dicionário. Já Houaiss; Villar (2001) definem como: “6. portanto, por conseguinte” “é desatento, *logo* não pode dirigir veículos” (Houaiss, 2001, p. 1778) e, por último, há a definição realizada por Ferreira (2009), como: “8. por conseguinte, portanto”. (Ferreira, 2009, p.2412).

Para essa acepção, encontramos as ocorrências:

- 28. És comunista, *logo* gostas.
- 29. Penso, *logo* existo.
- 30. Penso, *logo* desisto.

A construção *logo*, nesses exemplos, exerce a função de conector e pode ser explicado a partir do padrão de uso [O₁ *logo* O₂]. Constatamos que, como o propósito é relacionar orações, o uso, em nossos dados, apareceu entre orações. Contudo, é possível hipotetizarmos também usos que podem ocorrer iniciando oração ou parágrafo com o propósito de relacionar a nova informação à informação que foi dita anteriormente.

Para a terceira acepção, consideramos o sentido de *logo* usado para indicar lugar, conforme definições de Caldas Aulete (1964): “6. o mesmo que lugar “locus”. (Caldas Aulete, 1964, p. 2412), Houaiss (2001): “1. mesmo que lugar 2. residência de colono 3. lugar, posição, local, posto, localidade, habitação” (Houaiss, 2001, p. 1778) e Ferreira (2009): “1. lugar, morada, residência ” (Ferreira, 2009, p.2412). Apesar de todos os autores apontarem esse sentido para o *logo*, não encontramos nenhuma ocorrência de uso relacionado a lugar.

Apresentados os dados e verificada a esquematicidade, podemos, com relação à produtividade, afirmar que o uso reconhecido na Tradição Gramatical, advérbio de tempo, é a função mais produtiva da construção *logo*. Em nossos dados, em 30 (trinta) ocorrências, em 27, o que equivale a 90%, o uso foi de advérbio de tempo. Em relação à produtividade, então, podemos afirmar que é uma construção produtiva, sendo utilizada na língua em funções distintas, escopando orações, verbos e advérbios e estando presente no início, no meio ou no final das sentenças. Após esse uso, o *logo* foi verificado com a função de conector em 3/30 ocorrência, o que equivale a 10% do uso em nossos dados.

Em relação à composicionalidade, conjecturamos que a construção *logo* quando adjungida a outro advérbio, apresenta uma tendência a se tornar, na língua em uso, menos composicional. Uma das evidências da compreensão que o uso de dois advérbios juntos, quando encabeçados pelo *logo*, passa a ser compreendido como um todo.

O *logo* configurou-se em nossa pesquisa como uma construção que está passando pela mudança construcional, tendo em vista que, no polo da forma, mantém a mesma estrutura e, no polo do sentido, a sua função pode ser ampliada para além de advérbio, como conector.

O LOGO NA SALA DE AULA

Considerando que é necessário aplicar os estudos linguísticos na sala de aula, propomos a seguir uma possibilidade de trabalho de estudo do *logo* na educação básica:

Proposta pedagógica

Plano de Aula: O uso do termo *logo*

1. Objetivos:

- Refletir sobre diferentes sentidos do termo *logo* conforme o contexto.
- Compreender o *logo* como um recurso expressivo, lógico ou temporal.
- Estimular a participação ativa e a produção textual criativa.

2. Materiais:

- Trecho da música “Logo Eu” (Jorge e Mateus)
- Quadro e pincel
- Material do aluno

3. Desenvolvimento da aula:

a) Atividade inicial: sensibilização (8 min) Exibir um trecho da música:

“Logo eu que nem pensava...”

Perguntar à turma:

- O que significa *logo* aqui?
- Poderia ser substituída por qual outra palavra?
- Como essa palavra contribui para a expressividade da frase?

Apontar: Nesse contexto, *logo* expressa surpresa, ironia ou ênfase.

b) Exploração dos usos (12 min) Escrever no quadro três frases:

1. “Estude, *logo* será aprovado.”
2. “*Logo* chego aí.”
3. “*Logo* eu?”

Convidar os alunos a analisarem:

- O que significa “*logo*” em cada uma?
- O sentido é sempre o mesmo?

Explicar brevemente:

Conector lógico → consequência (ex.: “estudou, *logo* será aprovado”). Advérbio de tempo → proximidade (ex.: “*Logo* chego aí”).

Expressivo → surpresa/ênfase (ex.: “*Logo* eu?”).

Perguntar: Alguém conhece outra frase com *logo*? Anotar no quadro se surgirem exemplos.

c) Atividade prática (15 min) Propor aos alunos:

- Escrevam duas frases com a palavra *logo*, mas com sentidos diferentes (por exemplo: uma lógica e uma expressiva).

Exemplo de orientação:

1. “Ela se esforçou muito, *logo* conseguiu passar.” → consequência.
2. “*Logo* eu? Não acredito!” → expressivo/supresa/ênfase.

Depois:

- Alguns voluntários compartilham as frases.
- A turma classifica: é uso lógico, temporal ou expressivo?

d) Sistematização e fechamento (5 min) Reforçar oralmente:

Logo pode expressar:

consequência (lógica), tempo (proximidade),

surpresa/ênfase (expressividade). Solicitar aos alunos:

- Criar um meme ou piada utilizando a palavra *logo* e indicar a sentido.

4. Avaliação:

- Participação nas análises e discussões.
- Correção e criatividade nas frases produzidas.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, tivemos como objetivo geral investigar o uso da construção *logo* em uma perspectiva sincrônica na rede social X. Para o cumprimento desse propósito, estabelecemos alguns objetivos específicos: realizar uma discussão sobre o aporte teórico que subsidiará a análise e discussão de dados (apresentado na seção 3); realizar a revisão de literatura sobre o objeto de estudo a partir de buscas em dicionários da língua portuguesa (apresentado na seção 4.1); realizar a revisão de literatura em gramáticas prescritivas e descritivas, conforme as seções 4.2 e 4.3; mapear 30 (trinta) ocorrências do fenômeno linguístico em estudo na rede social, que fizemos na seção 5; realizar a análise das construções identificando padrões e observando os fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, conforme expomos na seção 6; propor uma atividade didático-pedagógica sobre o uso da expressão *logo* para estudantes do ensino fundamental II e/ou ensino médio que trouxemos no final da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desejamos com esta pesquisa colaborar com o estudo da língua portuguesa, oferecendo uma visão ampla acerca dos novos usos linguísticos, especificamente, no estudo da expressão *logo*. Além disso, é nossa pretensão que a pesquisa contribuía com a Linguística e, em particular, com a abordagem funcional centrada no uso, ainda tão recente no Brasil, que tem como foco analisar a frequência e os padrões de uso linguístico e os fatores cognitivos para explicar mudanças na linguagem. Pretendemos, ainda, contribuir com a docência, apresentando uma proposta didático- pedagógica que dialogue com o nosso objeto de estudo à luz do Funcionalismo Linguístico.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; RICHARD, D. J. (Ed.). **The handbook of historical linguistics**. Malden: Blackwell Publishing, 2003.
- CALDAS AULETE, F. J. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Lisboa. 1 v., 1881.
- CROFT, W. Construction Grammar. In: Geeraerts, D. & Cuyckens, H. (eds.). **Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 463- 508.(2007).
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio de língua portuguesa**. 4.ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FURTADO DA CUNHA., M. A.; BISPO, E. B. **Revista do GELNE**, Natal/RN, Vol. 15 Número Especial: 53-78. 2013.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTA et. al. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo : Contexto, 2011.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. 2006.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HOUAISS, A.;VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LACERDA, P. F. A. dá C.O Papel do Método Misto na Análise de Processos de Mudança em uma Abordagem Construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. **Considerações sobre gramaticalização de conjunções**. São Paulo: Revista Sínteses, 2006.

MACHADO, J.P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte Ltda., 1977.

MARTELOTTA, M. E. T.; KENEDY, E. Visão Funcionalista da Linguagem no Século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. T. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, p. 17- 28.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1965.

PEREIRA, A. N. S.; SOUSA, V. V. A preposição “de” em foco: um olhar linguístico- funcional para os esquemas [x de milhões] e [x de centavos] **Cadernos do CNLF**, v. XXVI, n. 3, Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2023.

PINHEIRO, D. Um Modelo Gramatical para a Linguística Funcional-Cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO,

P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). **Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem**. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)**, v. 60, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e Mudanças Construcionais**. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.